

ENTRE
ARQUITETURAS,
CIDADES E
FEMINISMOS

PESQUISAS DO
OBSERVATÓRIO
AMAR.É.LINHA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Entre arquiteturas, cidades e feminismos [livro eletrônico] : pesquisas do observatório amar é linha / organização Carolina Pescatori, Maribel Aliaga. -- 1. ed. -- Brasília, DF : LaSUS FAU : Editora Universidade de Brasília, 2022.
PDF.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-84854-05-5

1. Arquitetura 2. Cidades 3. Feminismo
4. Mulheres arquitetas 5. Mulheres - Aspectos sociais 6. Urbanismo I. Pescatori, Carolina.
II. Aliaga, Maribel.

22-122453

CDD-720

Índices para catálogo sistemático:

1. Arquitetura 720

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ENTRE
ARQUITETURAS,
CIDADES E
FEMINISMOS

PESQUISAS DO
OBSERVATÓRIO
AMAR.É.LINHA

SUMÁRIO

7 Entre palácios e mulheres

Maribel Aliaga

16 Apresentação

Maribel Aliaga; Carolina Pescatori

21 Da cozinha para a rua

A afirmação da mulher como arquiteta

Luiza Rego Dias Coelho

parte 1
Teoria

41 Arquiteturas feministas

Ana Carolina Medeiros

61 A arquitetura feminina invisibilizada de Brasília

Apagamento das mulheres em catálogos arquitetônicos

Júlia Moreira

87 Senzala moderna

A permanência dos “quartos de empregada” em Brasília

Sarah Gabrielle Lucena Silva

parte 2
Violência

105 Arquitetura de fronteir[a]

Mulheres entre Brasil/Venezuela

Júlia Coutinho; Ricardo Trevisan

125 Refugiadas urbanas

Design tático para repensar o trajeto das mulheres em situação de rua na Asa Norte de Brasília

Nádia Vilela

153 O acolhimento social da mulher indígena no Brasil e aspectos habitacionais

O caso de Dourados (MS)

Maitê Campos Vieira

parte 3
Pandemia

177 Cartografia da covid-19

A situação da classe das trabalhadoras domésticas no Distrito Federal

Lorrany da Silva Arcanjo

193 Mulheres na pandemia

Costuras sobre narrativas e números

Júlia Bianchi

parte 4
Perspectivas

215 Direito à cidade para mulheres:

Análise dos planos diretores do Distrito Federal

Sara Cristina de Carvalho Zampronha

247 Montando o Ferro's Bar

Reivindicando a memória lésbica no Brasil

Alyssa Volpini

278 Sobre as autoras

ENTRE PALÁCIOS E MULHERES

Maribel Aliaga



Figura 1

Oscar Niemeyer para a campanha da Rhodia “A personalidade da moda para o inverno”, reportagem da revista Manchete. Foto de Otto Stupakoff – 1961.

Disponível em:



Acesso em: 08 ago. 2022

A nossa trajetória de pesquisas feministas está muito conectada com os eventos da sociedade, com suas demandas e lutas. É interessante perceber como a democracia e a conquista pelos direitos humanos é um exercício cotidiano. Na história recente do país, desde a redemocratização, muito se conquistou, mas talvez tenham sido conquistas um tanto ilusórias, pois depois de tantos anos ainda não incluem a todas e todos. O direito mínimo à dignidade deu às pessoas outras vozes que eclodiram nas marchas de 2013, “foi nesse quadro que o feminismo ganhou o terreno e se tornou o maior representante da continuidade da nova geração política. Na sequência das grandes marchas, as mulheres conquistaram o primeiro plano e roubaram a cena da resistência ao cenário conservador que ameaça o país”¹. Como resultado, demoramos um pouco para entender que a organização agora é outra, as hierarquias se transformavam em processos horizontais, na forma de coletivos.

Na FAU-UnB não foi diferente. O debate sobre a questão de gênero eclodiu por volta de 2013, tanto nos corredores, como em espaços virtuais; assim como os movimentos da rua, foi espontâneo. As discussões se multiplicaram e elevaram o tom, resultando na articulação de vários coletivos com perspectivas e olhares distintos, mas todos com o viés de gênero. Toda essa movimentação nos fez entender que era imperativo compreender o contexto que nos cercava, bem como a nossa história e contá-la sob um novo ponto de vista: o feminino. Além das rodas, debates e exposições, em 2015, tivemos uma série de ensaios teóricos que abordavam invisibilidades e ausências das mulheres na história da arquitetura, do *design* à cidade.

Para entender melhor esse percurso, contamos aqui como o entendimento e as abordagens sobre o tema vão se transformando à medida das demandas, além de como as pesquisas vão incorporando novas questões que vão além da invisibilidade, mas que na verdade não deixam de ser variações sobre o tema, invisibilidades, apagamentos e violências.

A INVISIBILIDADE NA PRODUÇÃO DA ARQUITETURA

Depois dessa primeira lufada de trabalhos acadêmicos, começamos a nos questionar como os temas de gêneros eram abordados pelas leituras que estávamos acostumadas a utilizar nas

1. “A Rua” texto de Maria Bogado. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de; BOGADO, Maria (Orgs.). **Explosão feminista:** arte, cultura, política e universidade. 1ª edição. São Paulo, SP: Companhia Das Letras, 2018.

pesquisas e nas salas de aula. Quem escrevia nossas bases teóricas e com que abordagens? Mesmo trabalhando com questões de gênero desde 2014, percebemos que para a pesquisa ter continuidade, ela não deveria se fechar em si mesma. Por isso, em 2016, criamos o projeto de pesquisa **ELAS da FAU: 50 anos de egressas da FAU-UnB**, buscando compreender a participação feminina no mercado de trabalho local, na gestão pública, na política e na academia, tudo sob a ótica feminina das alunas egressas ao longo de 50² anos de curso.

2. Em tempos de esquecimento, vale lembrar que o curso de Arquitetura e Urbanismo foi um dos três primeiros a iniciar as atividades na recém-criada Universidade de Brasília, e que conseguiu formar a sua primeira turma no ano de 1967. A primeira turma, com um total de onze alunos, teve duas arquitetas. Essa relação de mulheres em menor número no curso se manteve por boa parte dos anos setenta e oitenta do século passado, realidade que começou a mudar nos anos noventa e que visivelmente inverteu a situação na década passada. Hoje, as alunas de graduação representam aproximadamente 80% do curso e têm 61% de participação no mercado de trabalho.

No início de 2017, fomos convidadas a participar do Seminário Internacional: **Onde estão as Mulheres Arquitetas**, no Centro Cultural São Paulo: textos, debates, apresentações, oficinas, exposições. Uma imersão coletiva e um questionamento instigante: existe uma arquitetura feminina? Para entender esse novo olhar, a pesquisa foi no sentido de desenvolver propostas de projetos de arquitetura e urbanismo com novas abordagens, resultados de longos debates. Para melhor ilustrar, as pranchas do trabalhos eram no pantone do ano, o rosa *millennial*.

Em 2018, ajudamos a elaborar as bases do concurso **028 – Monumento à Memória Feminina**, do Portal Projetar, em conjunto com a Coletiva Arquitetas Invisíveis. Estávamos na estrada desde 2013, procurando entender a participação das mulheres na arquitetura. Acompanhamos o crescimento do debate tanto dentro da FAU-UnB quanto em várias outras universidades no Brasil. O que no começo era visto como uma manifestação pontual, transformou-se em diversos estudos acadêmicos de graduação e pós-graduação, abrangendo tanto a teórica como a prática projetual no âmbito da academia. Acreditávamos ter avançado muito, mas, com o resultado do concurso, percebemos que ainda tínhamos muito a aprender e discutir. Não cabia a nós questionar a autonomia do corpo de juradas e o resultado surpreendente do concurso. Porém, podíamos questionar e refletir sobre os motivos que levaram ao resultado. Dentre eles, entendemos que o projeto vencedor pouco dialogava com o edital do concurso.

Não questionamos o projeto, que seria adequado para qualquer lugar e qualquer tema, por sua fluidez e elegância, mas a adequação ao simbolismo da proposta do concurso, o que traz à luz a invisibilidade do feminino. Não é uma questão quantitativa de representação, numericamente estamos presentes (dos projetos vencedores, 5 dos 8 participantes eram mulheres), o júri

era feminino, o edital foi elaborado por mulheres com textos de mulheres.

Entendemos que no processo de transformação a estrada era longa. Havia muitas hipóteses, perpassando o que era considerado como uma boa arquitetura. A representatividade qualitativa de trabalhos femininos, o conforto masculino em assumir protagonismo em todos os lugares e a opção de neutralidade de projeto arquitetônico como forma de diálogo com o que está posto. E, afinal, o que é uma boa arquitetura? O que é uma arquitetura para mulheres? Esse impasse reafirmava a necessidade de continuar estudando e trabalhando o feminino na arquitetura.

Hoje, na profissão, já somos mais de 60% de mulheres, e na graduação e futura formação profissional, já nos aproximamos dos 80%. A partir das indagações sobre o espaço das arquitetas no desenho e construção da cidade e da Universidade, resolvemos que era importante revisar esse percurso e voltamos nosso olhar para as mulheres egressas do curso, principalmente para as que aqui estiveram no início para fazer seu mestrado.

A Universidade de Brasília teve, em seu início, três cursos-tronco, dentre eles, temos o curso de Arquitetura e Urbanismo ligado inicialmente ao Instituto Central de Artes (ICA). O curso se desenvolveu paralelamente à cidade em construção. Apesar desse apelo construtivo e intelectual ligado à Arquitetura Moderna, a cidade ainda era pouco amigável para jovens senhoritas. Mesmo assim, o contexto cultural criado pela UnB atraiu várias arquitetas recém-formadas, propiciando, no início dos anos 1960, condições de participação feminina raramente vistas.

Brasília é um contexto muito particular, tanto na criação da cidade, como na sua importância política. No entanto, o papel da mulher arquiteta se dilui na predominância de ícones masculinos da arquitetura moderna. Em Brasília, há muitas Brasília e nem todas cabem em um quadrado. As narrativas e histórias sobre a capital costumam enaltecer a empreitada da construção de uma cidade em cinco anos, como sonhava Juscelino Kubitschek, sua arquitetura e seus palácios. E como cidade inventada que só nasceu pelo traço do arquiteto, foi através do **Concurso para o Plano Piloto de 1957** que o desenho se tornou realidade.

Pouco a pouco, e com a participação ativa da Universidade de Brasília, a capital se transforma em um importante polo cultural do país. A demanda construtiva da cidade que surgiu no cerrado

3. IPHAN (Org.).
Relatório do Plano piloto de Brasília. 3ª edição. Brasília: Secretaria de Estado e Cultura do Distrito Federal, 2014.

4. SÁ, Flávia Carvalho de.
Profissão: Arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

5. BRAGA, Milton; KON, Nelson; WISNIK, Guilherme. **O concurso de Brasília**: sete projetos para uma capital. São Paulo, SP, Brasil: Cosac Naify : Imprensa Oficial : Museu da Casa Brasileira, 2010.

6. “A polícia usava de todos os expedientes, alguns deles ilegais, para acabar com a ZBM. Desta vez, as autoridades haviam montado uma grande operação para expulsar as mulheres, as “borboletas”, como diziam os gebianos. As prostitutas foram arrancadas à força dos cabarés, algumas ainda nos braços dos parceiros, jogadas em cima da carroceria de um caminhão e soltas no meio do mato. Passaram a noite inteira no ermo, seminuas, tremendo de frio” (BÉU, 2012, p. 165).

7. BLAY, Eva Alterman; AVELAR, Lúcia (Orgs.). **50 anos de feminismo: Argentina, Brasil, Chile: a construção das mulheres como atores políticos e democráticos.** São Paulo, SP, Brasil: FAPESP: Edusp, 2017. A “Breve cronologia do movimento feminista no Brasil” proposta em Blay e Avelar (2017) tem como seu último verbete, no ano de 2015, a aprovação da Lei do Feminicídio, “tornando assassinato de mulheres por razões de gênero, crime hediondo”.

criou muitas possibilidades de trabalho. Outra questão relevante para a profissão era a participação na gestão de políticas públicas tanto para a cidade como para o país. Mesmo que aos olhos leigos dois ou três nomes de arquitetos homens sejam símbolos, muitos foram os profissionais envolvidos no processo, entre eles, algumas mulheres que, como tantas outras pioneiras, deixaram aqui seu legado. Porém, pouco se sabe dessa participação.

A começar pelo edital do concurso, estavam habilitadas a participar “pessoas físicas ou jurídicas domiciliadas no país, regularmente habilitadas para o exercício da engenharia, da arquitetura e do urbanismo”³. O documento não faz distinção de gênero. Entretanto, “o primeiro registro feminino no livro do IAB é de 1948, sendo que em 1959 as mulheres representavam 2% das inscritas do CREA-RJ”⁴. E se pensarmos na representação feminina nas sete equipes premiadas no concurso, temos um total de 70 membros participantes, destes, apenas 7 eram mulheres⁵. Mesmo com 10% de representatividade, sabemos pouco sobre quem são e quais foram suas reais participações, informações que esta pesquisa pretende organizar a partir de acervos históricos.

A INVISIBILIDADE NA OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

A desigualdade social e territorial é ainda maior quando acrescentamos as questões de gênero. Algumas dessas cidades carregaram até os dias de hoje os traços da violência⁶, por exemplo, Ceilândia é líder entre 31 outras localidades na ocorrência de violência doméstica, ocupando ainda a primeira posição em relação a outras 12 regiões do DF para crimes de feminicídio⁷. Esse eixo que contempla regiões administrativas do DF como Taguatinga, Ceilândia e Samambaia, e municípios do entorno, como Águas Lindas de Goiás, é uma das regiões mais populosas e onde se concentram as vulnerabilidades, da violência à incidência de contaminação e morte por covid-19, como demonstram os números levantados por nossa pesquisa.

Outra das marcas da violência contra as mulheres, neste caso contra as meninas, se traduz na relativização ao acesso a direitos comuns de ambos os sexos, como o caso de visitas íntimas, permitidas apenas para meninos, e a prioridade na utilização do espaço físico, ou seja, as meninas infratoras não podem ao menos ter garantidos os seus direitos. Há a Brasília de JK, a do concurso, a de Lucio Costa, a dos candangos e das borboletas, porém, hoje,

este texto se propõe a chamar atenção para a violência das várias Brasília e suas desigualdades.

Por outro lado, as candangas, ou mesmo as pioneiras de Brasília, tinham a sua invisibilidade também reforçada por questões estruturais e territoriais, desde os anos 1950 já era conhecido que falar em Brasília “não apenas implicava reconhecer a existência de outras formas de ocupação urbana no território do DF como também constatar que a população vivendo no entorno candango sempre foi maior que a do Plano Piloto”⁸, mesmo que seu criador Lucio Costa defendesse que as cidades-satélites não deveriam em caso algum tornar-se cidades dormitórios, “mas representar um meio de controle da expansão urbana”⁹.

POR UMA LEITURA FEMINISTA DA CIDADE

Entre a arquitetura e o feminismo é preciso encontrar interseções e limites, para tanto, em 2020, iniciamos o projeto **Leituras Feministas** com pesquisadoras de diversos lugares do país. Esse trabalho é parte de esforço coletivo para resenhar material sobre arquitetura e feminismo com livros, dissertações e teses em português, inglês e espanhol. O trabalho buscava difundir o conhecimento, com as perspectivas de pesquisa e diálogos proporcionadas nos estudos sobre feminismo e gênero no campo da arquitetura e do urbanismo. O projeto tinha como intuito fomentar o debate do feminismo dentro da arquitetura e urbanismo através de leituras e seminários de discussão. A pesquisa é vinculada ao projeto de Educação e Popularização de C & T — Observatório de estudos feministas em Arquitetura e Urbanismo “Amar.é.linha”.

Na segunda quinzena de março de 2020, foi decretado o isolamento com a intenção de diminuir a velocidade da contaminação por covid-19 no Distrito Federal, e, ao acompanhar os boletins sobre a contaminação local, percebemos que ainda estávamos em curva ascendente. Homens de 20 a 39 anos apresentavam maior contato com o vírus; porém, entre as mulheres de 40 a 49, podíamos observar que a curva se inverte. Outro dado importante era que, comparados os últimos cinco anos, 2020 tinha um número menor de notificações de violência doméstica, porém com altos índices de feminicídio. Assim como no resto país, o rastro do vírus que começou nos bairros nobres se encaminhou

8. SCHLEE, Andrey Rosenthal. **Narrativas históricas e culturais de Brasília**. Brasília, DF: Editora UnB, 2014. (Brasília 50+50: cidade, história e projeto).

9. VIDAL, Laurent. **De Nova Lisboa à Brasília: a invenção de uma capital (séculos XIX–XX)**. Trad. Florence Marie Dravet. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

10. A questão da mulher na pandemia é tratada por Silvia Federici no seu texto **Capitalismo, reprodução e quarentena**: “então: como mulheres, como feministas, temos um olhar particularmente claro sobre a importância da reprodução da vida. Quais são nossas vulnerabilidades e quais necessidades temos. Podemos

ver que precisamos de uma luta muito ampla. Uma luta que conecta mulheres de áreas urbanas com áreas rurais para criar novas estruturas, novos laços de solidariedade e novas formas de reprodução. Sempre inspirado no conceito de que a reprodução da vida, o propósito da sociedade, deve ser o bem-estar, a boa vida e não o lucro privado”.

para as Regiões Administrativas do DF. Por isso, o projeto tinha como objetivo observar e mapear o percurso da covid-19 e os impactos desde a propagação, contaminação, isolamento social e pós-pandemia nas mulheres¹⁰ do Distrito Federal, entendendo que a pandemia podia incidir de maneira desigual entre homens e mulheres, e, mesmo entre mulheres, os impactos poderiam ter resultados diferentes.

Como sabemos, a casa, que é o lugar da prevenção e do abrigo, também pode ser o lugar da violência e opressão. Nesse momento de confinamento, a situação da mulher se tornou ainda mais vulnerável tanto do ponto de vista epidemiológico como de resguardo físico e mental. Para melhor entender a casa e suas relações de cuidado, é preciso entender a relação das mulheres com o abrigo no sentido amplo, pois existem as mulheres sem abrigo que estão na rua, as periféricas que habitam espaços pequenos, insalubres e dividem esse espaço com várias pessoas, as que se mantêm cativas de relações abusivas por falta de opção e as que, apesar de não sofrerem nenhuma dessas mazelas, depararam com uma nova realidade: a CASA.

Considerando que as atribuições sociais são ainda consideradas cuidados femininos, é preciso mapear essas diversidades femininas e propor soluções adequadas a cada segmento. É necessário (re)aprender sobre os limites do espaço doméstico e sobre cuidado, mas, para isso, é incontornável entender a pluralidade e diversidade que há na domesticidade.

Como metodologia, o trabalho coletou e analisou dados, com a transformação destes em mapas e relatórios, cruzando informações da Secretaria da Saúde, Secretaria de Segurança Pública, do Registro Civil e da Codeplan-DF. Cartografamos o comportamento de transmissão do vírus entre mulheres nas RAs do DF, especialmente regiões de menor renda familiar e maior precariedade de infraestrutura, utilizando *software* de geoprocessamento, e categorizamos essas situações, para compreender as mulheres em diversas dimensões. Como resultado, procuramos entender e informar os impactos da covid-19 na vida das mulheres do DF, levando em consideração a atuação no mercado de trabalho, em casa e na sociedade e partindo da premissa de que para propor qualquer ação de prevenção é preciso entender a diversidade e como os corpos ocupam os espaços privados e públicos.

11. RAGO, Margareth. EPISTEMOLOGIA FEMINISTA, GÊNERO E HISTÓRIA. In: PEDRO, JOANA, Grossi, Miriam (Org.). **MASCULINO, FEMININO, PLURAL.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

Disponível em:



Acesso em:
31 jul. 2020

POR UMA LEITURA CUIDADOSA

No processo de construção de uma arquitetura feminista, desde o início temos procurado estabelecer novas lógicas de produção e de pensamento, assim como diz Margareth Rago¹¹, buscamos uma construção cultural feminina com uma marca “tendencialmente libertária, emancipadora”. Mesmo que Judith Butler em seu texto **Por uma leitura cuidadosa** se oponha à necessidade de uma pedagogia feminista, entende que “o que existe de politicamente imediato é um conjunto de desafios que são historicamente provisionais, mas que não são, por esse motivo, menos merecedores de engajamento”. Refuta a ideia de uma definição filosófica ou epistemológica, defendendo que é preciso “avaliar o mundo de modo político ou de nos engajarmos de maneira ativa em seus problemas com o objetivo de transformação”¹².

“Como poderemos, então, construir uma teoria feminista adequada ou mesmo diversas teorias, pós-modernas ou não? Onde iremos encontrar conceitos e categorias analíticas livres das deficiências patriarcais? Quais serão os termos apropriados para dar conta do que fica ausente, invisível, emudecido?”. Esses questionamentos, colocados por Sandra Hardin em seu texto **A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista**, nos fazem refletir sobre a dinâmica do processo e como ela propõe que percebamos que “há dois modos de encarar a situação”, ou pelas lutas políticas ou com a mudança de paradigmas¹³.

Esta pesquisa surge como inquietação quanto à invisibilidade na produção da arquitetura e a partir da constatação das ausências, o entendimento de que era necessário começar a descobrir a participação feminina na construção de Brasília. Este estudo histórico nos colocou diante de outras invisibilidades, como a invisibilidade na ocupação do território, por exemplo. Para compreender essa ocupação, é importante adotar uma nova epistemologia, por uma leitura feminista da cidade.

A pesquisa propõe uma abordagem multidisciplinar sobre a participação das mulheres enquanto arquitetas e urbanistas, e a arquitetura para mulheres. A primeira, de ordem teórica, tem como premissa a investigação contextualizada da evolução das conquistas femininas ao longo da história, inserida nas discussões sobre profissão, projeto e cidade. A segunda abordagem trata da revisão da historiografia e da construção de estudos histórico-

12. BUTLER, Judith. Por uma leitura cuidadosa. In: **Debates feministas**: um intercâmbio filosófico. Trad. Federica VERÍSSIMO. São Paulo: Editora Unesp, 2018. p. 23.

13. “Por um lado, podemos usar a força da razão e da vontade, modeladas pelas lutas políticas, para reunir o que vemos diante dos nossos olhos na vida e na história contemporânea numa imagem conceitual clara e coerente, usando parte de um discurso aqui, outro ali, improvisando de modo criativo e inspirado, e revendo assiduamente nossos esquemas teóricos enquanto continuamos a descobrir outros androcentrismo nos conceitos e nas categorias que viemos utilizando. Poderemos, então, voltar nossas atenções para a instabilidade das categorias analíticas e a falta de um esquema permanente de construção das explicações. (Afinal, precisa haver algum

progresso na direção de um discurso entre “normal” em nossas explicações, se quisermos criar uma orientação coerente para o conhecimento e a ação). Por outro lado, é possível aprender a aceitar a instabilidade das categorias analíticas, encontrar nelas a desejada reflexão teórica sobre determinados aspectos da realidade política em que vivemos e pensamos usar as próprias habilidades com recursos de pensamento e prática. Não à “ciência normal”; para nós não! Recomendo aceitar essa mesma solução, apesar de se tratar de uma meta incômoda pelas razões que seguem” (HARDING, 2019, p. 98—99).

14. 4º
ARQUITECTURA,
CIUDAD Y
GÉNERO EN
TIEMPOS DE
COVID-19.

Disponível em:



Acesso em: 8
ago. 2022

analíticos sobre os as arquitetas que construíram e constroem a cidade.

O estudo feminista em arquitetura e urbanismo não se restringe apenas a pesquisas teóricas ou históricas, mas faz parte de uma linha de trabalhos e investigações no âmbito da graduação (ensaios teóricos, trabalhos finais de graduação, projetos de extensão e pesquisas de iniciação científica) e pós-graduação (seminários, simpósios e orientações de mestrado) desenvolvidas sistematicamente desde 2014 na FAU-UnB.

POR UMA EPISTEMOLOGIA FEMINISTA DE PESQUISA

No processo de construção de uma arquitetura feminista, desde o início temos procurado estabelecer novas lógicas de produção e de pensamento, buscamos uma construção cultural feminina com uma marca “tendencialmente libertária, emancipadora”. Portanto, a pesquisa propõe uma abordagem multidisciplinar sobre a participação das mulheres enquanto arquitetas e urbanistas, e a arquitetura para mulheres. A primeira, de ordem teórica, tem como premissa a investigação contextualizada da evolução das conquistas femininas ao longo da história, inserida nas discussões sobre profissão, projeto e cidade. A segunda abordagem trata da revisão da historiografia e da construção de estudos histórico-analíticos sobre as arquitetas que construíram e constroem a cidade.

A compreensão histórica nos colocou diante de outras invisibilidades, como a invisibilidade na ocupação do território, por exemplo. Para compreender essa ocupação, é importante adotar uma nova epistemologia, **por uma leitura feminista da cidade**. No caso da arquitetura, uma boa possibilidade de compreensão do território e suas relações é o mapeamento como explicou a arquiteta argentina Ana Falú¹⁴.

Se a cidade é “muitas”, qual o papel da mulher nesta cidade?

SOBRE AS AUTORAS

ALYSSA VOLPINI

alyssa.volpini@gmail.com

Alyssa Volpini é arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília (UnB).



ANA CAROLINA MEDEIROS

ana@ateliercavilha.com

Arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília, tem o gênero na arquitetura como principal área de interesse e pesquisa. Complementou sua formação acadêmica em cursos na Universidade de Groningen, na Holanda, e no Politecnico di Torino, na Itália. Atua profissionalmente nas áreas de arquitetura e *design* e é cofundadora do Atelier Cavilha.



CAROLINA PESCATORI

pescatori@unb.br

Arquiteta, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília e pesquisadora do seu Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. Doutora (UnB), mestre em Arquitetura da Paisagem (Pennsylvania State University–EUA). É coordenadora do grupo de pesquisa TOPOS — Paisagem, Projeto e Planejamento e pesquisadora do Amar.é.linha. Sua pesquisa problematiza o urbano do ponto de vista histórico e político.



JÚLIA BIANCHI

jbfbianchi@gmail.com

Júlia Bianchi é graduanda em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB).



JÚLIA COUTINHO

arch.juliacoutinho@gmail.com

Júlia Coutinho é arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília (FAU/UnB), com passagem pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP). Cursou Belas Artes em Portugal, na FBAUP, e hoje trabalha como arquiteta em Brasília, com foco em habitação contemporânea e conservação do patrimônio moderno.



JÚLIA MOREIRA

juliafmoreira3@gmail.com

Graduanda em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB).



LORRANY DA SILVA ARCANJO

lorranysarcanjo@gmail.com

Lorrany Arcanjo é graduanda em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB) e integra o grupo do Amar.é.linha — Observatório de estudo feministas em arquitetura e urbanismo da FAU–UnB.



LUIZA REGO DIAS COELHO

lu.dias.coelho@gmail.com

Arquiteta e Urbanista pela Universidade de Brasília. É vice-presidente extraordinária de Ações Afirmativas e co-coordenadora da Comissão de Equidade de Gênero do Instituto de Arquitetos do Brasil. Cofundadora da Coletiva Arquitetas (in)Visíveis (2014). Pesquisadora do Observatório Amar.é.linha — estudos feministas em Arquitetura e Urbanismo.



MAITÊ CAMPOS VIEIRA

maitecamposv@gmail.com

Maitê Campos Vieira, arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília (FAU UnB), tem passagem pela École Nationale Supérieure d'Architecture - Paris Malaquais, na França. Após o contato com Belas Artes e *Design* em Paris, atua hoje como *designer* gráfica e diretora de arte em Brasília.



MARIBEL ALIAGA FUENTES

arqmarialiaga@gmail.com

Arquiteta e urbanista pela Belas Artes de São Paulo, Mestre em Teoria da Arquitetura e Urbanismo pelo PROPARG - UFRGS, doutora em Teoria e História da Arquitetura pela UnB, professora adjunta da mesma instituição desde 2008. Feminista e Pesquisadora do Observatório Amar.é.linha.



NÁDIA VILELA

nadiabtvilela@gmail.com

Nádia Vilela é jornalista e graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB).



RICARDO TREVISAN

prof.trevisan@gmail.com

Professor associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB), membro do grupo de pesquisa Topos — Paisagem, Projeto e Planejamento, da FAU-UnB, e da rede de pesquisadores do Laboratório de Experiências Urbanísticas (LEU). Coordenador da equipe da Cronologia do Pensamento Urbanístico na UnB. Pesquisador CNPq. Presidente da ANPARQ (2021–2022).



SARA CRISTINA ZAMPRONHA

sarazampronha@gmail.com

Sara Zampronha é mestranda no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília. Atualmente, pesquisa direito das mulheres à cidade, crítica feminista ao planejamento urbano, e métodos de participação ativa da população na elaboração e revisão de legislações urbanas.



SARAH GABRIELLE LUCENA SILVA

spls.sarahsilva@gmail.com

Graduanda em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Brasília.



EDIÇÃO E REVISÃO

LUCAS CORREIA AGUIAR

correia.lucas@live.com

Lucas Correia Aguiar é mestre em linguística pela Universidade de Brasília, pela qual também é licenciado em letras. Atua como professor, consultor e revisor de língua portuguesa.



PROJETO GRÁFICO

ATELIER CAVILHA

oi@ateliercavilha.com

Atelier de arquitetura e design, criado por Ana e Filipe: duas mentes curiosas, inquietas e críticas, encantadas pelo ato de criar. Responsável pelo projeto gráfico e diagramação deste livro.



OBSERVATÓRIO
AMAR.
É.
LINHA.



O OBSERVATÓRIO Amar.é.linha foi criado em 2018 como um grupo de pesquisa voltado aos estudos feministas no campo da Arquitetura e do Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, sob coordenação da professora Maribel Aliaga. Este livro é uma coletânea de projetos e pesquisas de alunas de graduação, resultados de Trabalhos Finais de Graduação, ensaios teóricos e pesquisas de iniciação científica, desenvolvidos no Observatório e o consolida como lugar de formação e incentivo a jovens pesquisadoras. Os textos aqui apresentados desenvolvem importantes leituras críticas a partir de uma sólida abordagem política da arquitetura, do urbanismo e do planejamento, enquanto alimentam a esperança de que as pesquisas feministas se consolidem, se espalhem e frutifiquem no Brasil, especialmente em tempos tão sombrios.

textos: luiza coelho **maribel aliaga** ana carolina medeiros
júlia moreira júlia coutinho **ricardo trevisan** maitê campos
sarah silva nácia vilela **lorrany arcanjo** júlia bianchi
sara zamprona alyssa volpini

organização: maribel aliaga **carolina pescatori**

